



MR 017. Etnografia e pós-verdade

Coordenador(es):

Kleyton Rattes Gonçalves (UFC)

Participantes:

Leticia Maria Costa da Nobrega Cesarino (UFSC)

Piero de Camargo Leirner (UFSCar)

Rafael Antunes Almeida (UNILAB)

Stelio Marras (IEB/USP)

A categoria “pós-verdade” emergiu em 2016 para qualificar um conjunto de comportamentos que se tornaram visíveis durante as campanhas para o Brexit e para as eleições presidenciais norte-americanas. Tais práticas, ou bem foram caracterizadas pela produção de formulações que ignoravam os assim chamados “fatos”, ou se valiam do que se nomeou de “fatos alternativos”. Embora o campo da antropologia conte com uma discussão sobre as categorias de farsa, mentira, paranoia, contrainformação e conspiração, a universalização das práticas de “pós-verdade” atualmente catalisou a produção de novas etnografias. Tais pesquisas se voltam para coletivos antivacina, terraplanistas e outras ressonâncias da crise na ciência e no sistema de peritos; negacionistas climáticos e a nova geopolítica no Antropoceno; fake news, desinformação e outros aspectos da política (neo)populista; mídias digitais e a reconfiguração da esfera pública; cyberwars e operações psicológicas. Muitos destes se enquadram naquilo que S Harding nomeou de “alteridades repugnantes”, o que impõe desafios para a realização da pesquisa considerando que suas assunções colocam em questão princípios sobre os quais a antropologia, como uma disciplina acadêmica, está embasada – tanto no que concerne aos seus compromissos epistemológicos, como éticos. Esta mesa redonda pretende endereçar tais desafios, de modo a produzir reflexões sobre alteridade e práticas de conhecimento que produzem e (des)estabilizam verdades na contemporaneidade.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: